



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA LUCIA ALVES FEITOSA (2)

(entrevista)

Sardenha, Itália

2021

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

Número da entrevista: E-92

Entrevistada: Maria Lucia Alves Feitosa

Nascimento: 24/08/1960

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Sardenha - Itália (Via Zoom)

Entrevistadoras: Juliana Ribeiro Cabral e Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 20/05/2021

Transcrição: Martina Burch

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 32 minutos e 59 segundos

Páginas Digitadas: 19

Observações:

Entrevista cedida pelo *Grupo de Estudos Mulheres do Futebol*, para divulgação pelo Projeto Garimpando Memórias em 12 de janeiro de 2024.

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpando Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: FEITOSA [2], Maria Lucia Alves. Entrevista concedida por Maria Lucia Alves Feitosa ao Grupo de Estudos Mulheres do Futebol. Entrevistadoras Juliana Ribeiro Cabral e Silvana Vilodre Goellner. UNIVASF, UFRGS, SARDENHA (ITÁLIA), 20 mai. 2021, 19 p.

SUMÁRIO

Migração para o futebol italiano; Esporte Clube Radar; Seleção Brasileira; Torneio Experimental de Futebol Feminino da China; Preparação para o Torneio; União entre as jogadoras; Dificuldades de adaptação na Itália; Times que atuou; reconhecimento esperado; Características como jogadora.

Sardenha (Itália), 20 de maio de 2021. Entrevista com Maria Lucia Alves Feitosa (M.F.) a cargo das pesquisadoras Juliana Ribeiro Cabral (J.C) e Silvana Vilodre Goellner (S.G.) para o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

J.C. – Olá Lucia, muito obrigada pela tua disponibilidade em nos conceder outra entrevista. Essa tem um foco específico, que é a tua transferência para o futebol italiano. Você é a primeira futebolista brasileira a jogar no exterior, quando migra para a Itália em 1987. O que isso representou na tua vida?

M.F. – Juliana e Silvana, como eu falei para vocês antes, isso foi um sonho que se realizou assim sem eu esperar, entendeu? É uma coisa que eu nunca esperava fazer. E eu consegui, era uma coisa que eu queria, que eu desejava, era coisa muito forte que tinha dentro de mim, que mandava muita força pra eu fazer essa escolha, entendeu? Porque aí no Brasil eu estava bem, tinha tudo, não tinha problema. Graças a Deus eu não tinha problema. Minha família era uma família média. Eu não tinha problema, mas eu queria me confrontar com uma outra realidade, da Europa entendeu? E vou falar pra vocês que não foi fácil, porque é tudo muito difícil, entendeu? Até quando eu comuniquei a minha mãe que eu queria vim pra cá, ela teve até um suspiro assim dizendo: “Você vai para um lugar que ninguém lhe conhece.” Eu lhe respondi: “Mamãe, é por isso que eu quero ir, eu quero ter conhecimento, eu quero saber, eu quero me confrontar realmente com outra realidade, porque aqui no Brasil eu já ganhei tudo e não ganho mais nada.” Aí foi quando ela falou: “Está bom. Então você vai, você vê direitinho. Se não der certo, você volta.” Mas vou falar, no começo, foi muito difícil, não foi fácil não, já tinha falado isso para vocês antes. E o percurso que eu fiz foi muito difícil até aqui também na Europa, porque aqui também tem muito machismo com o futebol feminino. Para vocês terem uma ideia o campeonato desse ano de 2021 é de doze times da série A do qual tem só cinco do campeonato que são das equipes profissionais masculinas. Então, quer dizer, que tem mais ou menos um certo machismo na parte das federações. As federações que não aceitam. Tem uma federação aqui, aqui que eu trabalho com a molecada aqui que eles realmente foram reais, por quê? Porque eles falaram a verdade que investir no futebol feminino eles não querem. Eles não vão investir, porque não dá lucro para eles, entendeu? E essa é uma coisa que eu sofro

muito com isso porque não dá oportunidade. As meninas aqui... Eu acho que aí no Brasil estão muito mais avançadas do que aqui na Europa. Ano organizado como eu digo, como clubes, entendeu? Porque eu vejo aí que tem o Palmeiras¹, tem o time do São Paulo² que já tem time feminino, aqui não é assim, aqui ainda tem caminhando devagarzinho, sabe? A gente vai caminhando e eu estou numa luta também aqui com o futebol feminino. porque eu trabalhando também com criança, eu estou querendo também aqui fazer um sistema para criar uma escolinha de meninas, de garotinhas, porque tem muita garotinha que quer jogar. Mas o problema maior sabe qual é? É que as mães têm preconceitos, são muito preconceituosas, os preconceitos do jeito dos pais daqui é muito alto; o povo não aceita que uma menininha vá jogar com os meninos. Agora eu estou aqui na luta com meu colega que a gente está tentando organizar um sistema aqui nessa cidade onde eu estou do movimento feminino, uma escolinha para menina só meninas começando de quatro até quatorze anos porque depois de quatorze anos elas começam a jogar em time grande, sabe? Até organizar com as federações daqui está sendo fogo, não está sendo fácil, é uma luta por quê? Porque eles não querem investir e para fazer você sozinho não é fácil porque o custo é muito alto. O custo de um campeonato aqui de série A é de um milhão mais ou menos de um time profissional, de um milhão de euros, entendeu? E os clubes não querem investir. Os clubes tem só a base mesmo para você não pagar uma multa, para você não pagar uma taxa que a federação pede, porque se a federação pede que você tenha, mas eles não fazem o que eles fazem. Eles organizam, juntam praticamente um grupo de meninas, fazem um grupo de meninas no setor de doze, treze, quatorze, quinze anos e pronto. Por que isso? Porque a federação pede, mas eles não investem. Não investe no crescimento da escolinha das meninas. Aqui as meninas para ganhar ou ganhar uma ajuda de custo é muito difícil. Já foi diferente quando eu cheguei aqui em 1987. Quando eu cheguei já cheguei já com contrato feito e tudo, entendeu? Fizeram já um contrato da Federação do Rio de Janeiro com a Federação Italiana dos Clubes, eles fizeram já um contrato diretamente com federação, mas por que isso? Porque o Eurico Lira³ foi esperto porque ele me tutelou no contrato, entendeu? Porque ele ficou, ele foi tão justo que ele fez esse contrato para mim para não perder, entendeu? Como é que foi? Foi um desafio que eu fiz em sair do Brasil, porque no Brasil eu ganhava, eu nunca joguei de graça, entendeu? Nunca joguei de graça. Para mim

¹ Sociedade Esportiva Palmeiras.

² São Paulo Futebol Clube.

³ Eurico Lyra Filho.

sair daí do Brasil, nos anos oitenta para vir para Europa e não ter uma segurança, ele falou: “Então, vamos tutelar isso”. Ele me tutelou nisso aí e eu não sei se ele ganhou alguma coisa, mas ele me tutelou, entendeu? Eu vim tranquilamente sem nenhum problema porque eu tinha já uma base que se não desse certo eu não perdia nada. Mas graças a Deus, deu tudo certo e de consequência são o quê? Trinta e três anos que eu estou aqui.

J.C. – Entendi e é complicado. Lucia, até em cima disso tudo que você está falando você entra na sua transferência para a Itália nessa relação de muita confiança com o Eurico. Na época você soube de alguma coisa de valores que queriam te comprar, se existia valores ou se era só o interesse em te ter naquele time? Você tem a lembrança de alguma coisa relacionada a isso?

M.F. - Olha tem uma entrevista que eu fiz e um dirigente italiano explicou tudo, a minha transferência, eu falei da minha parte como atleta. E ele falou mais da parte financeira e na época eles falavam em dólar. Não sei quantos dólares. Alguma coisa de dólar e alguma coisa de dinheiro eles falavam. Não sei o que falou na minha transferência. Só que eu não sei que a transferência de dinheiro, não sei se foi com o Eurico ou se foi com a Federação do Rio de Janeiro porque na época tinha o Teixeira⁴, acho que era o Teixeira, não me lembro agora quem era o diretor lá do Rio de Janeiro. Eurico era muito envolvido com a federação lá do Rio de Janeiro. Mas quando eu cheguei na Itália recebendo um salário esse salário era em quê? Era em Lira! Quando eu cheguei aqui na Itália tinha lira não tinha o euro e quando cheguei aqui a lira era dinheiro para caramba contava muito. Depois que entrou o euro é que perdeu muito o valor do dinheiro aqui na Itália. Aqui na Europa, para viver aqui na Europa, entendeu? Tem vez que para viver no Brasil o dinheiro triplicava, a lira triplicava. Como agora está triplicando o euro, entendeu? Para viver aqui pra viver aqui com a lira se vivia bem. Agora com euro aqui na Europa a vida é dura, viu? É dura. Não é fácil não porque é muito caro muito caro, todos os sentidos, entendeu?

J.C. - É. Qual que é o nome do clube que você se transfere pra Itália?

M.F. - Trani 80 BKV.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

S.G. – Lúcia, antes de ser contratada pelo Trani você participou de jogos na Itália representando o Brasil por meio do Radar⁵. Você lembra dessas competições?

M.F. - A maior parte dos jogos os clubes que participaram se transferiam em um hotel e ficava todo mundo no mesmo hotel para fazer esses torneios, entendeu?

J.C. - Vocês ficaram um período bastante longo na Itália nesse período. A gente estava levantando dados sobre os jogos em Jesolo⁶ e foi entre 19 e 26 de julho e depois ainda teve início de agosto.

M.F. – A gente foi para Roma, fez uns jogos lá e depois a gente voltou pro Brasil.

J.C. -Porque pelo que eu entendi esses dois torneios foi um de clubes e o outro de seleções, ambos foram fundamentais para dar visibilidade para vocês e para os clubes do exterior terem interesse em vocês. Na época, pelo que a gente viu, teve outras meninas que despertaram interesse por clubes italianos, mas você foi a única que saiu. Você lembra alguma coisa dessas competições?

M.F. - Eu não lembro não, não lembro direito. Eu só lembro só que era uns jogos muito intensos, muito disputados. Não era fácil não, foi tudo muito corrido, mas os jogos eram muito disputados. Só que eu não me lembro porque a diversidade dos jogos era diferente, cada clube que a gente afrontava era um exemplo. A gente perdeu para o Trani, esse clube que me comprou. A gente jogou com ele, a gente perdeu de três a zero. E era um clube, era um timaço, era um timão e foi nesse período que a gente jogou contra eles que o clube mostrou interesse por mim. Aí não sei se eles entraram em contato naquele mesmo ano que a gente conversou entre eles, eu não sei. Eu fiquei sabendo só depois quando a gente chegou lá no Brasil, lá no Rio de Janeiro que o Eurico me comunicou que esse clube estava com interesse em mim. Só que eu não sei se eles falaram lá no momento que a gente fez os jogos ou depois que a gente voltou. Só que o Eurico me falou quando ele estava no Brasil, foi quando me perguntou se eu queria me transferir para a Europa.

S.G. - Como que era essa relação com o Eurico?

⁵ Esporte Clube Radar.

M.F. – Tem muitas meninas dessa época que relatam uma relação de muita confiança com o Eurico. Quase que uma relação, sei lá, de pai e filha. Não sei, uma relação de confiança estreita. Eurico era apaixonado pelo futebol feminino. Ele investiu muito no clube que ele fez, o Radar. Ele era um empreendedor, procurava sempre o melhor para todas as atletas. Ele não fazia distinção, ao menos quando eu fiquei lá com ele, que eu morava com ele, eu morava no apartamento dele lá em Copacabana e ele era uma pessoa que gostava de ter todas as melhores atletas. Ele comprava porque ele era um empreendedor, ele podia, entendeu? Ele dava uma ajuda de custo às meninas, às meninas para que viessem de fora. Um salário, não sei se é vou falar para você que é salário, o que que era? Eu não sei se era mais um reembolso. E ele era uma pessoa muito, como é que eu vou falar pra você? Ele era muito correto, ela não fazia distinção de preto, de branco, aquela é mais forte, aquela não é mais forte. Ele englobava tudo, todo o clube nas ideias que ele tinha para fazer crescer o futebol feminino e é uma coisa de partir de um homem, o que era muito difícil. E ele era um que lutava muito para o futebol feminino ter os seus reconhecimentos. Até nessa entrevista que eu tenho com ele, ele fala também disso. Que queria um reconhecimento maior do futebol feminino no Brasil porque as condições de atletas naquele período era demais. Tinha muita jogadora que era muito boleira entendeu? Era jogadora, era fortíssima e ele não podia acudir todas. Ele não podia pegar todo mundo e todo mundo queria jogar no Radar, todo mundo. A maior parte das meninas, a maior parte das jogadoras e essas jogadoras muitas se perderam, muitas pararam, muitas não puderam continuar, por quê? Porque não tinha condição de seguir. A gente tinha o percurso que era muito difícil na época dos campeonatos que tinha lá no Rio de Janeiro. Eurico nessa parte ele foi ...Vou falar para você, ele foi o pioneiro, um homem de querer que o futebol feminino no Brasil se desenvolvesse. Eu acho que ele morreu também com esse pensamento, que o futebol feminino ia acabar e quando ele morreu quase todas as relações que o futebol feminino lá no Rio de Janeiro pelo período, acabou. Por um período morreu, entendeu?

J.C. - Você quando foi para Itália manteve o contato com o Eurico ou não?

⁶ Cidade da Itália.

M.F. - Eu fiquei em contato com ele acho que foi no primeiro e segundo ano. Depois eu perdi o contato dele, a gente perdeu contato. Mas eu tinha contato com ele, ele me ligava, a gente conversava, me perguntava como é que era, como é que não era. Como é que o médico estava indo, como é que estava indo, como era o campeonato europeu. Nessa parte aí, como você falou, era um pai. Ele era um pai realmente. E o pai? Era um homem que realmente elevava o futebol feminino. Ele fez e fez muito pelo futebol feminino, brigava muito por isso, muito, muito. Com os clubes, com todo mundo, ele queria era o bem do futebol feminino. Ele não queria o bem do Esporte Clube Radar, ele queria o bem, o crescimento, o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil.

J.C. – Lúcia, fala um pouco mais desse apartamento em Copacabana. O Eurico morava nele ou era apenas para as atletas do Radar?

M.F. - Era em Copacabana mesmo, perto da praia. É minha filha está pensando o quê? Copacabana. Está pensando que sou pobre? [RISOS] Eu saí de São Paulo não foi para morar na rua não, nem na Rocinha⁷. Você está maluca? Olha, para você, um beijinho no ombro e vamos que vamos. Ele tinha o apartamento dele que era no Posto 3 e um apartamento no Posto 2 onde ele botou a gente. A gente morava lá nesse apartamento e eu adorei. Com quem que eu morei, meu Deus, eu nem me lembro mais. Não lembro.

J.C. - Quanto tempo você morou lá?

M.F. – Quando fui para o Rio de Janeiro fui diretamente para lá. O apartamento era grande, até nisso aí ele investiu, porque ele queria abrir uma casa da atleta, um centro, um alojamento, alguma coisa assim, um centro de treinamento. Eu não sei, algo de ensinamento para as mulheres. E isso ele não conseguiu fazer não, porque ele queria abrir mesmo um movimento feminino. Ele queria fazer uma coisa assim mais ou menos, só que não deixaram ele fazer. Ele tinha esse plano de fazer uma granja para o futebol feminino. Só que não deu tempo de ele fazer não. Ele morreu antes. Mas ele, nesse lado aí, ninguém ajudou ele. Acho que foi por isso antes que ele não conseguiu fazer. Mas a ideia ele tinha, entendeu? Era uma ideia muito... A gente que estava com ele sabia realmente o valor que

⁷ Favela localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

ele dava para o futebol feminino porque era uma coisa que ele queria, o futebol feminino crescer, desenvolver e depois que ele morreu acabou um pouquinho, agora está começando de novo devagarzinho mas não é a mesma coisa, não é.

J.C. – Você lembra de alguma coisa do seu contrato com o Trani? Você começou a receber seu salário e deu algum percentual para o Eurico? Como isso funcionava na época?

M.F. - Não teve nada disso. Não, não teve. Quando a gente fez a transação eu assinei o contrato com o salário que eles iam me dar. Não sei se o Eurico pegou uma parte, ele não falou no valor na época e quando a gente fez o contrato, ele não tocou no dinheiro. O que eles que me prometeram no contrato eu peguei todo. Não teve interferência do Eurico, o que foi combinado no meu salário era tudo meu. O resto se teve ou não teve, eu não sei. Não sei se ele pegou já antes, não sei se ele fez já a transação antes do valor que eu acertei, entendeu? Mas quando assinei o contrato ninguém tinha percentual nenhum, acho que naquele período não tinha ainda isso. Eu acho.

S.G. - Pergunta para você: em quais times você jogou na Itália?

M.F. – Meu Deus do céu. Eu joguei em muitos times aqui. Nossa, não vou lembrar.

J.C. - Mas você tem uma ideia de quantos times?

M.F. - Olha mais ou menos até agora são uns oito. Eu joguei no Turrís⁸, no Caserta FC⁹, no time de Pozzuoli¹⁰, no Nápoli¹¹...

J.C. - Você jogou no Nápoli na época que Maradona¹² e Careca¹³ jogaram juntos, não?

⁸ FC Turrís Neapolis 1944.

⁹ Casertana Football Club.

¹⁰ Associazione Sportiva Dilettantistica Puteolana.

¹¹ Società Sportiva Calcio Napoli.

¹² Diego Maradona.

¹³ Antônio de Oliveira Filho.

M.F. - Nossa, era o período que eu estava lá. Na época do jogo deles, todo domingo, eu ia ver. Porque aqui no campeonato italiano naquele período era de sábado que a gente jogava e o campeonato dos homens era de domingo. E eu fazia parte dos torcedores da Curva B do Napoli, então, quando eu chegava dos meus jogos, eu ia diretamente para o campo para ver os jogos do Nápoli que estava o Maradona, Careca, Alemão¹⁴, foi um período demais da minha vida. Ali eu passei dez anos da minha vida jogando no mesmo time.

S.G. - Você chegou a ter algum contato com esses jogadores?

M.F. - Não, a gente se via, mas ter contato era muito raro assim, sabe.

J.C. – Lucia, saindo um pouco do assunto, você nunca pensou em se naturalizar para poder jogar pela seleção italiana?

M.F. - Deus me livre. Mãe, não sou de trair, não. Mas quem pergunta é essa, meu Deus do céu? Você está biruta? Não, não e não! Mesmo se eu pudesse, eu nunca na minha vida ia trair o meu Brasil por isso. Nunca! Eu não eu não aceito, Juliana, eu não aceito. Como é que fala aí no aí no Brasil? Se fala oriundos? Um exemplo: quando um jogador se naturaliza, joga fileteão que não onde você morou, onde você nasceu, entendeu? Aqui fala oriundos. Tem oriundos da Seleção Brasileira. Eu nunca trairei o meu Brasil nunca, jogarei para uma seleção que não for o Brasil, nunca. Porque eu sou contra. Eu acho que para fazer parte de uma seleção, mesmo de qualquer país, tem que ser nato no lugar, entendeu? Eu não aceito oriundos. A seleção italiana está cheia de brasileiro, seja no futebol, seja no futsal. O futsal só tem ítalo-brasiliano, entendeu? E para ir eu nunca aceitei. Por quê? Eu acho que é uma traição para os jogadores do país. Isso aí não depende deles. Depende mais das federações.

J.C. – Lucia, eu te fiz essa pergunta porque, pelo que a gente está vendo, você era uma jogadora muito talentosa, de muita qualidade. Foi jogadora da seleção brasileira, do Radar que naquela época era o time de referência. Você disputou o primeiro torneio que a seleção brasileira fez fora do país, em 1986 você já é destaque desperta interesse nos times

¹⁴ Ricardo Rogério de Brito.

européus. Você disputou o Torneio Experimental da China em 1988 e não participou do Campeonato Mundial de 1991. O que aconteceu?

M.F. – Em 1991 eu fui convocada, mas o time italiano que eu jogava não me liberou para disputar o Mundial.

S.G. – E você teve outra convocação depois dessa Copa do Mundo de 1991, realizada na China?

M.F. – Não fui mais convocada. Eu também não entendi e até hoje eu penso sobre isso. Eu fiquei indignada porque não me chamaram mais. Eu sabia que tinha esse negócio de 1991, e depois tinha outros campeonatos importantes que não fui chamada. E estava em plenas condições. Até hoje, Silvaninha, eu não tenho o porquê e, como você já falou, a porta fechou completamente para mim. A gente se destacou nesse torneio experimental que a gente fez na China, a gente arrebentou lá. Arrebentou, ninguém tinha que falar nada da gente, entendeu? Mas quanto ao confronto de 1991, eu não sei porquê. Até hoje eu me pergunto porque que eu não fui mais convocada. Qual foi o motivo da minha não convocação. Até hoje eu não sei o porquê, acho que o único que podia dar explicação é o Eurico, mas ele não está mais aqui. Só Deus sabe.

S.G. – Lucia, você atuava na Itália quando foi representar o Brasil na China no torneio de 1988. Veio para o Brasil para fazer a preparação, então te pergunto: Como foi essa preparação? Como que foi a receptividade das outras atletas? Você era a única que estava fora do país. Conta o que você lembra desse período.

M.F. - Foi uma emoção quando eu cheguei no Brasil eu fui diretamente para Granja Comary¹⁵, em Teresópolis¹⁶. Quando eu cheguei lá, eu fiquei até um pouco emocionada porque voltar ao Brasil jogando já fora, jogando já no exterior... Eu fiquei muito emocionada porque a repercussão das meninas quando eu cheguei foi um recebimento que elas fizeram comigo que eu não esperava. Porque tu sabe que no meio de um grupo de garotas tem sempre um pouco de inveja, não é? Porque eu estava jogando na Europa, mas

¹⁵ Centro de treinamento da Seleção Brasileira de Futebol.

da parte delas não teve nada, nenhuma... Acho que foi que o momento que eu realmente vi que tinha amizade do grupo, amizade forte sem competição, sem inveja, sem ciúmes, sem nada disso. Foi uma coisa que elas demonstraram para mim que eu que eu guardei no meu coração porque elas me receberam como se fosse eu tivesse lá já há muito tempo. Foi ótimo! Eu não conhecia a Granja e fiquei ainda mais maravilhada porque para mim era uma coisa nova, sabe? Mesmo jogando na Europa, o meu país é sempre meu país. E ali era um ponto de encontro onde estavam as melhores. Isso pra mim foi fonte de orgulho. Voltar para o Brasil como uma das melhores para representar o país. Foi uma emoção muito grande naquele período, porque eu estava fora tinha dois anos. Mas foi ótimo, foi um encontro maravilhoso, aonde a gente pensava só em representar bem o Brasil. Não interessava se jogava na Itália, se jogava no Japão ou se jogava nos Estados Unidos, o importante é que aquele grupo ali era muito lindo, ninguém quebrava a gente não, porque a gente tinha os objetivos, a gente tinha muitos sonhos pra realizar, entendeu? Eu acho que isso também dava muita força para o grupo. Porque em um time de futebol, se você não tem um grupo, você não pode fazer nada. A repercussão dos resultados dos treinamentos como você treina. É o grupo. É as pessoas que você vê todo dia, as pessoas que estão ali que a gente treina, que a gente vê. Vê a cumplicidade de todas, entendeu? E a força da gente era essa, porque cada uma ali tinha um sonho. E a gente estava para se realizar com esse sonho. Aí qualquer coisa representava isso. Mais força ainda para a gente representar o nosso país. Como a gente representou, entendeu? Foi um sonho realizado com muito sacrifício atrás de tudo e todas as preocupações que a gente tinha.

J.C. - Você lembra quanto tempo vocês ficaram na Granja? De lá vocês foram direto para China ou treinaram em outro lugar? Como foi esse processo?

M.F. - A gente foi diretamente para a China. Só que eu não me lembro se a gente ficou lá dez dias ou quinze dias; eu não lembro do tempo que a gente ficou. Imagino que de lá da Granja a gente foi diretamente para a China. Eles reuniram a gente lá, deixaram a gente lá na Granja e de lá a gente foi fazer o Campeonato Mundial¹⁷.

¹⁶ Município do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁷ A entrevistada está se referindo ao Torneio Experimental da China, realizado em 1988.

J.C. - E o que você lembra de fora do campo Lúcia, dessa seleção de 1988? Falo isso porque com todas as jogadoras que já conversamos, sempre aparece esse sentimento de união, de que vocês eram uma família, que se davam muito bem. E aí eu fico muito curiosa pra saber como era esse grupo? Porque dentro de campo já está muito claro para mim, que vocês eram craques? Mas fora de campo, o que vocês faziam na concentração lá na China?

M.F. - A gente fazia muita palhaçada, se divertia muito. A gente fazia muita sacanagem, muita sacanagem. Era uma loucura minha filha, uma loucura, a gente se divertia muito, era muita bagunça, era muita zoeira... Quando a gente estava fora do campo, era o período que a gente estava relaxando, sabe? Se relaxava muito, mesmo porque tinha que ter atenção nos treinos, atenção nas reuniões que a gente fazia. Aí quando eles nos deixavam livres, era muita brincadeira. Aí não prestava, porque até nisso a gente era unida, sabe? Não tinha aquela que ia para o quarto, a gente se reunia e se divertia muito. Na Granja tinha um lugarzinho que era muito legalzinho porque tinha umas poltronas e a gente sentava lá e conversava, contava piada, fazia de tudo, a gente sempre tomava cerveja. Tomava cerveja, minha filha, meu Jesus! Era completo. E fazia sacanagem umas com as outras, piada, jogava conversa fora. Era muito bom e até nisso a gente era cúmplice uma da outra. Sem ser uma melhor que a outra, entendeu? Tomando o fato de que quando eu cheguei, eu pensava que elas pensavam que eu ia esnoabar porque estavam ainda no Brasil e eu na Europa jogando na Itália... E eu falei da minha realidade que não era fácil, que tinha aluguel para pagar e que a Europa não era tudo isso não. Que não era fácil, que não era como elas poderiam pensar, a melhor coisa do mundo. Não era isso tudo não. Eu, graças a Deus cheguei aqui é porque eu me destaquei nas competições que eu fiz no exterior... Falavam que eu era uma jogadora muito elegante, que eu era uma jogadora muito técnica, que eu era uma jogadora que sabia o que fazer com a bola. Eu acho que foi por causa disso também que a gente se encontrou e elas pensavam que eu ia esnoabar. Eu cheguei como brasileira, sabe? Eu não gosto de estar em evidência. Eu não gosto. Até quando eu jogava aqui e vinham os repórteres, eu escapava. Eu não queria saber de repórter, não queria saber de nada. Eu fazia meu jogo e saía fora, voava, entendeu? Eu não gosto de ficar na frente de uma tele câmera.

J.C. - Duas coisas eu quero saber ainda. Primeiro é que eu gostaria que você falasse do João Varella¹⁸ que foi o técnico da seleção de 1988. Você lembra alguma coisa dele, Lúcia?

M.F. - Ele era uma pessoa muito pacífica, ele transmitia muita serenidade, sabe? Ele era muito centrado nos objetivos de cada uma da gente. Ele sabia o valor de todas as atletas, porque se ele estava ali na direção da seleção é porque era competente para estar lá, não é? E ele entendia todas as problemáticas, era uma pessoa muito psicóloga também. Ele colocava muito sobre a psicologia das atletas. Ele entendia, ele sabia quando você não estava legal, quando você tinha um problema e ele vinha e conversava com você. Era uma pessoa - como é que eu vou falar para você - ele não pensava só no campo. Ele também pensava fora do campo, pensava o que cada atleta podia ser. Os problemas que ela podia ter, entendeu? Apesar que quando a gente estava em campo, eu pelo menos não tinha problema, eu deixo fora, mas ele já sabia se você tinha alguma coisa ou não, quando via a gente. Era uma pessoa muito altruísta, ele entendia os problemas de cada uma de nós. Isso era um privilégio que ele tinha e que poucos tem hoje, muitos poucos porque a maior parte de hoje pensa a parte técnica, a parte do jogo a parte dos três pontos, ele não... Ele trabalhava, ele fez um ótimo trabalho com a gente. A gente jogava bem porque ele preparava o time. No campo sobrou, tudo fora do campo. É por isso também que o grupo era muito unido, por causa disso também pela capacidade dele de entender as nossas relações fora do campo.

J.C. - Entendi. Você tem alguma história na memória, algum fato, alguma coisa engraçada que aconteceu naquele torneio da China?

M.F. - Quando a gente fazia um drible... Eu me lembro muito na China que os campos eram lotados de gente. E a coisa que me impressionou muito foi quando a gente fazia um drible, um drible muito seco uma jogada muito técnica, a gente sentia uma agitação no estádio. Era uma coisa maravilhosa. Isso aí me marcou nessa história. Por quê? Porque a jogadora brasileira é muito técnica e eu lembro quando a gente jogou contra a China. A China era muito era muito veloz, elas corriam demais aquelas meninas. Para pegar aquelas

¹⁸ João Souza Varella.

mulheres era demais. A gente tinha que morrer para correr atrás delas. Elas corriam muito, muito e a gente jogava mais chocolate, então, quando a gente fazia uma coisa tecnicamente muito importante, a torcida que era cheia de chineses, a torcida... Nossa, explodia! Isso é uma coisa que me marcou muito, essa história porque eu acho que eles nunca tinham visto mulher fazer o que a gente fazia. Eu, a Roseli¹⁹, a Sissi²⁰, todas meninas, a maior parte porque eram todas tecnicamente muito fortes. Eu acho que eles ficaram impressionados. Eles vendo só as chinesinhas que corriam para cacete, corriam muito, corriam demais. Aquela mulher que corre demais, gente. Vocês têm que ver. Se você jogou com elas, Juliana, mas no meu período elas e você não via a bola, era o método delas de jogar... Em vez da gente pegar uma bola porque fazia gracinha, tomar chapéu, usar caneta, sabe? O jogo brasileiro, com a ginga do Brasil, brasileiro é fogo. E disso aí me marcou, por quê? Toda vez que a gente fazia alguma coisa assim de excepcional a torcida amava. A torcida era nossa, era feliz, era contente porque via certas coisas que nunca viram antes porque era uma coisa nova, entendeu? Eu joguei com as meninas, acho que em 2000 ou 1999, alguma coisa de amistoso e aquela que foi uma jogadora muito famosa delas, que era a mais habilidosa, era isso, dois toques na bola e uma correria que você falava: meu Deus do céu, estou perdida.

J.C. - Lúcia. Eu estou adorando essas histórias. Poderia passar a tarde inteira aqui te perguntando sobre esses detalhes desta época. Mas o tempo é curto. Eu gostaria que você descrevesse a Lucia Feitosa jogadora de futebol

M.F. - Eu tenho que me descrever?

J.C. - Sim, por favor.

M.F. - Eu me descrevo como uma jogadora tecnicamente fortíssima, uma jogadora ambidestra, esquerda, direita, uma jogadora que não é veloz, que joga de inteligência, que joga de testa, de cabeça, uma jogadora que gosta de dar drible, uma jogadora que respeita os adversários. Eu nunca, na minha carreira, diminuí nenhum time. Eu tenho um caráter

¹⁹ Roseli de Belo.

²⁰ Sisleide Lima do Amor.

muito forte e quando eu vejo que uma jogadora está fazendo uma coisa eu já estou dando em cima, entendeu? Sou uma jogadora de caráter pesado, mesmo quando jogava eu era terrível, eu queria o melhor de cada jogadora ou de cada companheira, entendeu? Me descrevo uma jogadora completa, porque tecnicamente, direita e esquerda, bola parada, cobrança de falta, de cobrar escanteio... Aqui na Itália eu fiz muito gol de escanteio, muito, gol olímpico. Praticamente a única peça que me faltou foi a velocidade. Não era veloz não, era uma jogadora completa, mas não veloz. Passei no teste ou não?

J.C. - Está contratada. Se eu tivesse um time, seria a craque, a camisa dez. Contrataria de olhos fechados.

M.F. - Eu quero fazer uma pergunta para a Silvaninha. Eu queria saber de onde vem essa sua paixão, essa sua essa obsessão pelo futebol feminino? De onde você tirou toda essa paixão, todo esse amor, esse carinho em saber e querer desenvolver o futebol feminino.

S.G. – Eu tirei de vocês. Eu sabia que tinha que começar a contar histórias. Eu nunca joguei futebol só na universidade porque tinha que fazer a disciplina de futebol. Eu jogava vôlei e nadava e entrei para universidade porque queria ser treinadora de algum esporte. Só que logo eu comecei a me envolver com o diretório acadêmico, com os movimentos políticos e resolvi ser professora na escola e estudar história. Por quê? Porque não existia quase nada sobre as mulheres na história do esporte de uma forma geral, não só do futebol. Daí eu comecei a estudar as mulheres, tipo assim, onde elas estavam, as razões pelas quais suas histórias não apareciam. Então, por muito tempo eu estudei esse tema na Educação Física e no esporte em geral até que em 2013 eu tive um encontro com Aline Pellegrino que foi determinante para eu começar a olhar mais especificamente para o futebol. A gente participou de uma atividade no Rio de Janeiro, eu não a conhecia e minha palestra aconteceu depois ela falou. Percebi que estávamos falando as mesmas coisas, da falta de reconhecimento das mulheres do futebol e pense: “Tenho que olhar mais para o futebol”. Em 2015 fui convidada pelo Museu do Futebol para fazer a curadoria da exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino” porque eu sempre comentava que aquele museu era o Museu do Futebol dos Homens. As mulheres não estavam ali. E para montar a exposição, não existia quase nada nos jornais eu comecei a fazer o quê? Procurar vocês, as

mulheres que fizeram o futebol acontecer. E daí nunca mais parei, Lucia! Uma vai conversando e vai falando da outra e eu fui me apaixonando pelas histórias, me encantando e pensando que era isso que eu queria fazer. Eu me aposentei em 2019, faz pouco tempo. Eu sempre dizia que quando eu me aposentasse eu ia ter mais tempo fazer o que eu estou fazendo agora, então continuei a pesquisar e a procurar as histórias me envolvi com muitas coisas, ou seja, me dediquei a esse tema, a vocês. Então essa paixão vem muito de querer mostrar que as mulheres existem, que as mulheres fazem história, que as mulheres têm importância. Essa digamos assim é a minha maior paixão: mostrar que nós somos o que somos e que, muitas vezes, a gente não aparece na história porque os homens ou porque a história oficial não quer valorizar tudo que as mulheres fazem. Então veio daí a minha paixão.

J.C. - Essa daí eu também contratava. De olhos fechados. [RISOS]

S.G. - Lúcia, olha só, já estamos com contrato garantido. [RISOS]

M.F. - Estamos indo bem. Fiz essa pergunta porque eu estou te seguindo nas redes e vejo outras coisas que você está fazendo e se vê que é uma forma de carinho, de muita paixão mesmo como você faz as coisas, entendeu? Como você tenta explicar, tenta desenvolver, qualquer tipo de projeto que você organiza, a gente vê que tem um carinho especial, particular. É por isso que eu perguntei para você, porque eu sabia que você não jogava e não entendia o porquê dessa sua descoberta agora em querer saber das pioneiras, em querer saber toda essa história que está querendo saber agora. Eu falei: “Eu vou ter que perguntar para ela para saber o porquê.” Mas é assim, quando eu me joga eu me joga inteira. Sempre foi assim em tudo que eu falo. Então está certo. Vai dar, então, o quê? A equipe vai se reforçar mais ainda, com a tua capacidade, com a tua paixão não vai ter nada que segure vocês. Mas agora eu tenho uma única *rammarico*, sabe o que é?

J.C. – Meu italiano não chega a tanto...

M.F. – A minha maior decepção é que no período que a gente a gente abriu praticamente as portas do futebol feminino não tinha a fortuna que essas meninas têm hoje. Era muito

mais difícil. A decepção agora é que a maior parte das meninas que eu vejo, é que elas que querem aparecer e para o futebol feminino isso não é bom. Não é bom esse negócio essa história de querer aparecer, de querer sabe... Tem menina que parece que está andando em ovos porque está jogando no Palmeiras, está jogando no Corinthians²¹ ou porque está... Na nossa época não era mais simples, tinha mais craque ali tinha, mais jogadora que jogava muita bola, a gente jogava muito e naquele período ali era diferente, era muito diferente, tinha humildade, tinha simplicidade, hoje não tem mais humildade, não tem simplicidade. Eu vejo, a gente vê a realidade como é. E para mim é uma decepção, é uma coisa que eu não estou há anos. Se essas meninas de hoje vissem o nosso período, Juliana, elas botavam a mão na cabeça e falavam; “Jesus essas mulheres são demais.” Para você ter uma ideia, eu fico um pouco desiludida, fico um pouco decepcionada com tudo isso. Porque não é bom para o futebol feminino. Como tem agora essa discriminação, que tem que ter o cabelo grande para fazer o rabo de cavalo, a menina bonita para jogar futebol. Se uma menina é feia, ela tem que jogar e pronto, acabou de ser bonita ou de fazer coisa de rabo de cavalo. Eu nunca tive cabelo grande, sempre tive cabelo curto e nem ligo para isso. Então hoje em dia é assim, as menininhas ficam com aqueles shortinhos... Não tinha essa história com a gente não, a gente jogava e pronto. Hoje é muito diferente. Acho também, eu não sei eu não posso falar porque eu não sei o que está atrás dos bastidores, entendeu?

J.C. - Eu também não sei muito, mas do que eu vejo e do que eu vivi, a geração de vocês foi a mais sofrida, mas foi tecnicamente, eu acho que a melhor geração. Acho que se a gente pegar individualmente jogadora por jogadora acho que a geração de vocês tinha muito qualidade e personalidade. Não sei se isso acontecia por vocês terem um sentimento de grupo muito forte...

M.F. - É isso daí contava muito, Julianinha, A gente era uma família e não tinha essa de uma querer ser mais que a outra não. E tinha só craque, tinha só gente que jogava muito, tinha só fenômeno. E todos esses fenômenos tinham, ao mesmo tempo, muita humildade. A diferença é essa, coisa que não tem hoje.

²¹ Sport Club Corinthians Paulista.

J.C. - Por isso que a gente quer destacar a história de vocês, das pioneiras, daquelas que abriram as portas e que até hoje não tem o reconhecimento que merecem. Não nos interessa escrever sobre a seleção de hoje.

M.F. - E essa é uma luta que a gente tem que fazer, é uma luta que a gente, até conversando também como agora que eu tenho contato quase todas elas, que a gente a gente fala que a gente está escondida. Esconderam a gente, essa história e não é normal entendeu? Eles tinham que dar mais valor para a gente porque foi a gente que abriu tudo e a gente não tem esse valor.

J.C. - Não sei, agora você falando isso, me veio algo na cabeça: você foi escondida naquela época, quando deixa de chegar à seleção e as portas não se abrem mais para você e foi escondida no presente porque ninguém mais sabia onde você estava. Você não tentou fazer contato com ninguém, não tentou falar com o Eurico ou com alguma jogadora que tivesse mais contato para dizer: “Oi, eu estou aqui na Itália e estou jogando pra caramba...” Eu sei que a comunicação era muito difícil naquele tempo, mas mesmo assim você não contactou ninguém?

M.F. - Era muito difícil, viu? Eu não tinha condição e era um período que eu estava sem querer voltar para o Brasil, em querer ficar, eu estava muito aperreada, eu estava muito... Tinha uma tristeza porque não foi fácil. Vou falar para você que não foi fácil, entendeu? Eu não conseguia também entrar em contato com ninguém. Como eu te falei na outra entrevista, a minha sorte foi que eu encontrei uma brasileira aqui que me ajudou muito. Se não fosse essa brasileira, eu tinha voltado para o Brasil porque não foi fácil, foi muito difícil o percurso que eu fiz, muito, muito, muito. Mas também, ao mesmo tempo, eu tenho orgulho. Meu orgulho é muito forte. Meu caráter é muito forte. Eu não queria decepcionar a minha pessoa. Eu não queria decepcionar e se eu voltasse para o Brasil eu estava me decepcionando. Aí o que que eu fiz? Voltei as minhas forças positivas de novo. Vamos começar. Não, Lucia, você tem que ficar, você vê direitinho porque lá no Brasil você já ganhou tudo e aqui você tem que ver as medidas de como é que é. Aí nesse meio tempo apareceu a brasileira, o que me deu mais força ainda para poder continuar. Vou ser muito sincera com vocês: dos três aos cinco meses foi fogo, não foi fácil. Eu chorava, chorava

porque eu não queria ir embora, eu não queria ficar aqui, mas eu queria sair, eu estava desesperada. E ganhava, na época muito dinheiro. Mas eu não estava nem aí com o dinheiro porque não queria nem saber. Eu queria ir embora. Mas apareceu essa brasileira e eu consegui, sabe? Consegui também botar na minha cabeça qual eram os meus objetivos e pensava que no futebol brasileiro eu não tinha mais nada para ganhar. Aí foi que essa menina me ajudou muito, senão eu tinha voltado.

J.C. - Eu tenho uma pergunta ainda: Como a Lucia Feitosa se transforma em Lucy Alves? Porque a grande dificuldade que a gente teve para te encontrar é porque você é a Lucy Alves aí e não a Lucia Feitosa. Como foi isso para ti? Quando você chegou na Itália já se tornou Lucy Alves?

M.F. - Vou explicar para você agora. O problema foi que dez anos aqui de Itália, antes disso eu pedi a minha cidadania e eles falaram que eu tinha que deixar a minha cidadania de brasileira. Eu disse: “Isso eu não quero!” Aí eu deixei pra lá. Mais tarde saiu um novo estatuto aqui, saiu uma nova lei que, com dois anos de Itália, você podia pegar automaticamente a cidadania. Aí o que que eu fiz? Esperei um tempo e em 2011 consegui a cidadania. Hoje sou ítalo brasileira, né? Aí o que aconteceu? Em 2011 em vez de botar Maria Lucia, eles botaram Lucia Alves, aqui o penúltimo nome passou para frente do Feitosa. É porque mudou, é por isso que ninguém me achava. E como como jogadora sempre foi Lucia Alves. E também porque eu não pensei também, sabe? Não pensei em botar Lucia Feitosa porque no Brasil todo mundo me conhece como Lucia Feitosa. Só que eu estando aqui, eu não pensei no Brasil e por isso ninguém me achava. Mas por quê? Porque ninguém sabia, ninguém me conhecia por Lucia Alves. No Brasil a gente tem o nome da mãe e do pai, aqui não, aqui tem só o nome do pai. Tem só um sobrenome. Eles não botam o sobrenome da mãe, bota só do pai aqui.

J.C. - Você mora na mesma cidade que você chegou?

M.F. - Não, eu estou morando agora na Sardenha e eles me admiram muito porque quando falo italiano eu perdi o sotaque brasileiro. A única brasileira dos brasileiros que estão aqui, porque o italiano deles é muito carregado com sotaque brasileiro e o meu não. A maior

parte do povo fala que eu não sou brasileira pelo meu modo de falar em italiano, entendeu?
Mas sou brasileiríssima.

J.C. - Entendi. Enfim, Lucia. Queria te agradecer pela entrevista. Muito obrigada mesmo.

S.G. – Obrigada, Lucia. Foi maravilhoso estar novamente com você.

M.F. – Silvaninha e Julianinha, eu que agradeço o carinho de vocês por mim e por tudo o que vocês estão fazendo para contar as histórias das pioneiras. Vocês são demais!

[FINAL DA ENTREVISTA]